

V Congresso APA – Vila Real, 09.09.2013

Memórias da Emigração Clandestina do Algarve para Andaluzia e Marrocos



Aurízia Anica
Maria do Livramento Dias

Índice

- Introdução

1. A emigração clandestina nas fontes judiciais: quem eram os emigrantes clandestinos; qual a sua origem e destino; por que motivos emigravam; como emigravam; quais as circunstâncias em que caíam na justiça.
2. Memórias no presente dos emigrantes clandestinos: uma viagem dois percursos.

Considerações finais

Fontes

Introdução

Objecto, espaço e tempo



Questões de investigação

Quais as características da emigração clandestina do sotavento algarvio durante o Estado Novo?

Em que medida as memórias orais do presente fornecem dados congruentes com os dados obtidos nas fontes judiciais daquele período?

Objetivos

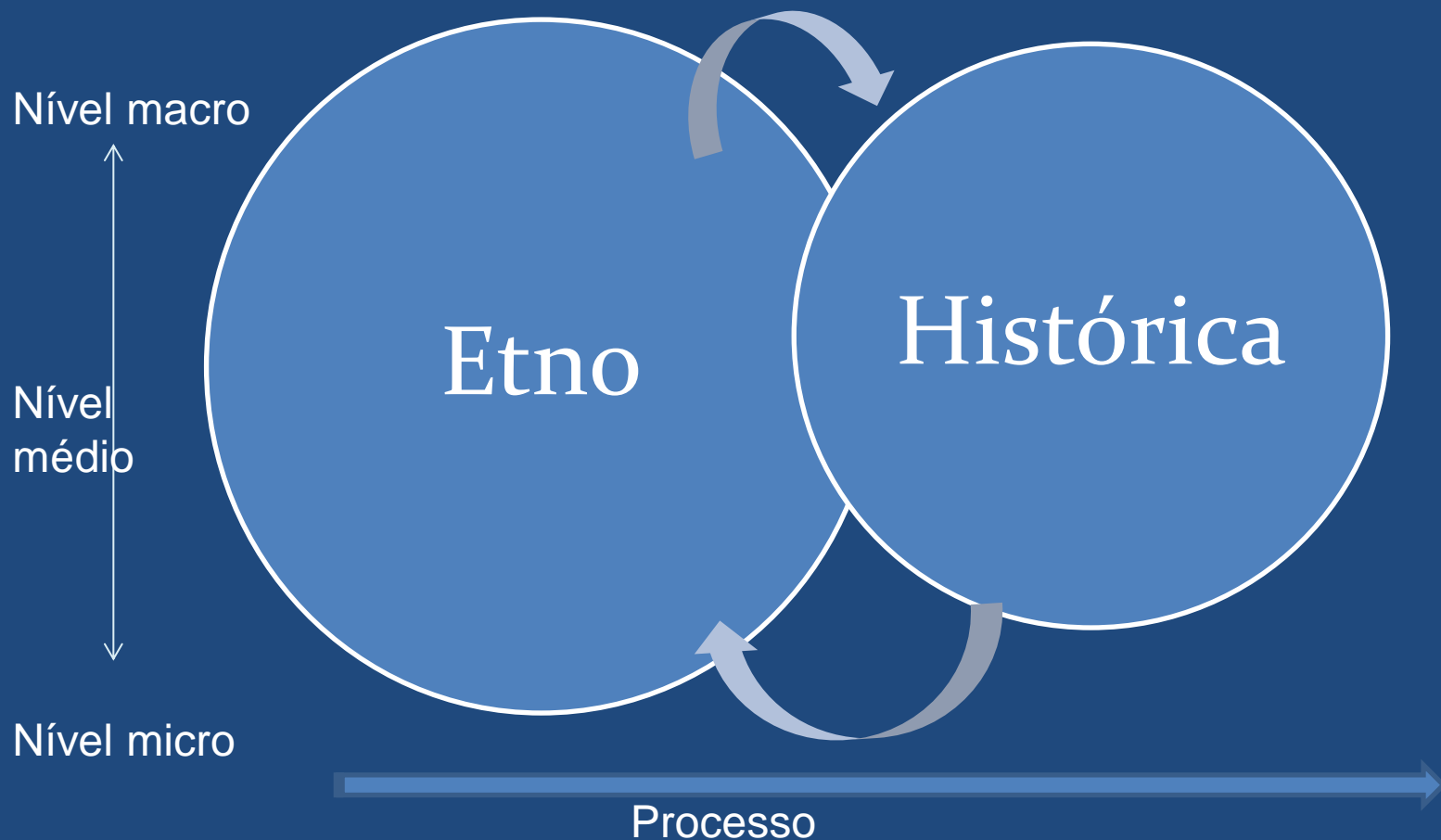
Caracterizar a emigração clandestina do sotavento algarvio no Estado Novo.

Compreender a especificidade deste fenómeno a partir das perspectivas dos seus actores.

Identificar os diversos papéis dos actores sociais envolvidos neste movimento

Conhecer as representações das experiências vividas da emigração clandestina

Perspectiva metodológica



Fontes



Problemática

Contributos

História

Joel Serrão
Vitorino Magalhães Godinho
Romero Magalhães*
Miriam Halpern Pereira
Victor Pereira
Marcelo Borges*

Antropologia/ Sociologia

Carlos C. Almeida
Caroline Bretell
Maria I. B. Baganha
M.L. Marinho Antunes
Jorge C. Arroiteia*

Geografia/Economia

Orlando Ribeiro*
Carminda Cavaco*
Joaquim da Costa
Leite



«Todavia o homem do Mediterrâneo está muito abaixo das terras europeias confinantes... O que se faça para aumentar com os recursos locais, a riqueza natural, mal compensará o acréscimo do nível de vida destas populações pobres e parcas. Assim, parece que só a emigração poderá resolver o problema do superpovoamento...»

(Orlando Ribeiro, 1945)



No séc. XVI, «um dos traços característicos do Algarve, **fator que lhe marca individualidade**, (...), é a atividade marítima e a solidariedade geográfico-económica dos Algarves luso-hispano-marroquinos que formam o golfo de Gibraltar»

(J. Romero Magalhães, 1970)

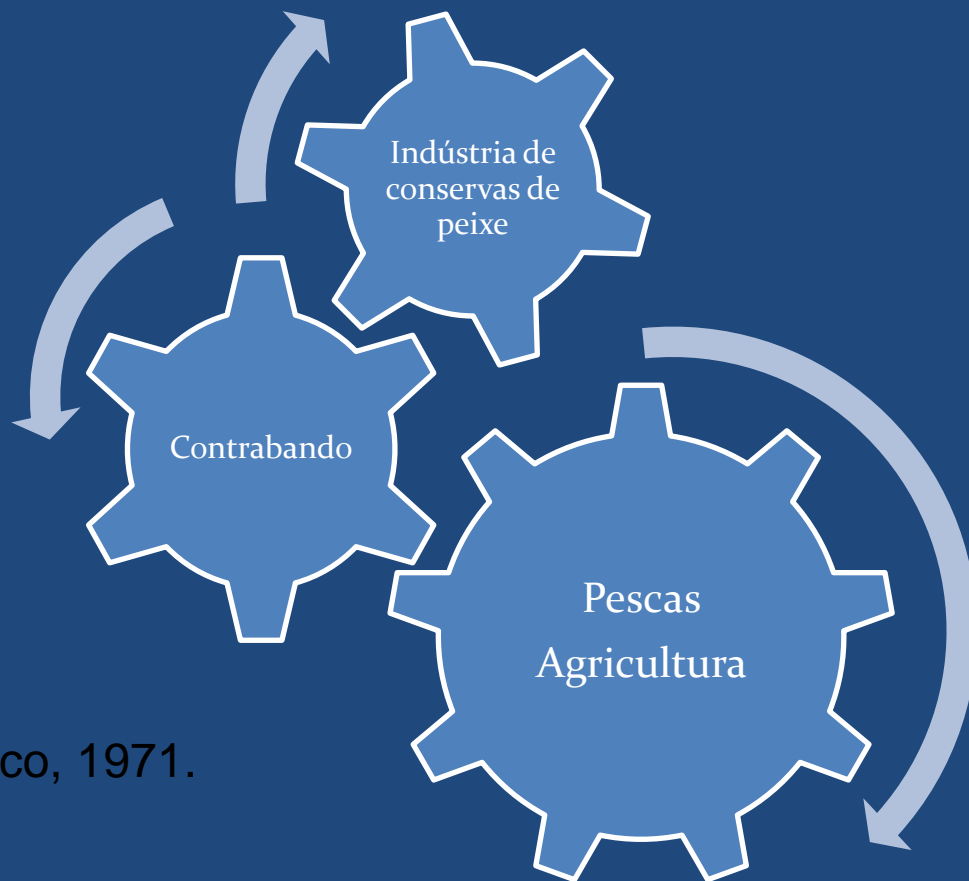


«O Guadiana materializou uma fronteira política mas não separou as populações de um e outro lado, cujas relações afrouxadas nos momentos mais difíceis da vida político-económica interna das duas nações vizinhas, persistiram sob formas diversas...».

O mar não é um limite, mas um sector da paisagem humana cujo raio foi crescendo ao mesmo tempo que as técnicas de pesca se modernizaram.

(Carminda Cavaco, 1971, p. 43)

Emigração e contrabando no Golfo de Cádiz (1ª metade do séc. XX)



Carmina Cavaco, 1971.

Contratados no sotavento algarvio para trabalhar em Marrocos

Ano	Homens	Mulheres	Total
1933	4	40	44
1936	265	205	570
1937	370	265	635
1938	90	50	140
1939	160	90	250
1940	362	225	587
1946	316	380	696
1952	420	240	660
1954			126
1956			125
1957			97
1958			97
1960	Carminda Cavaco, 1971, pp. 67-76		189

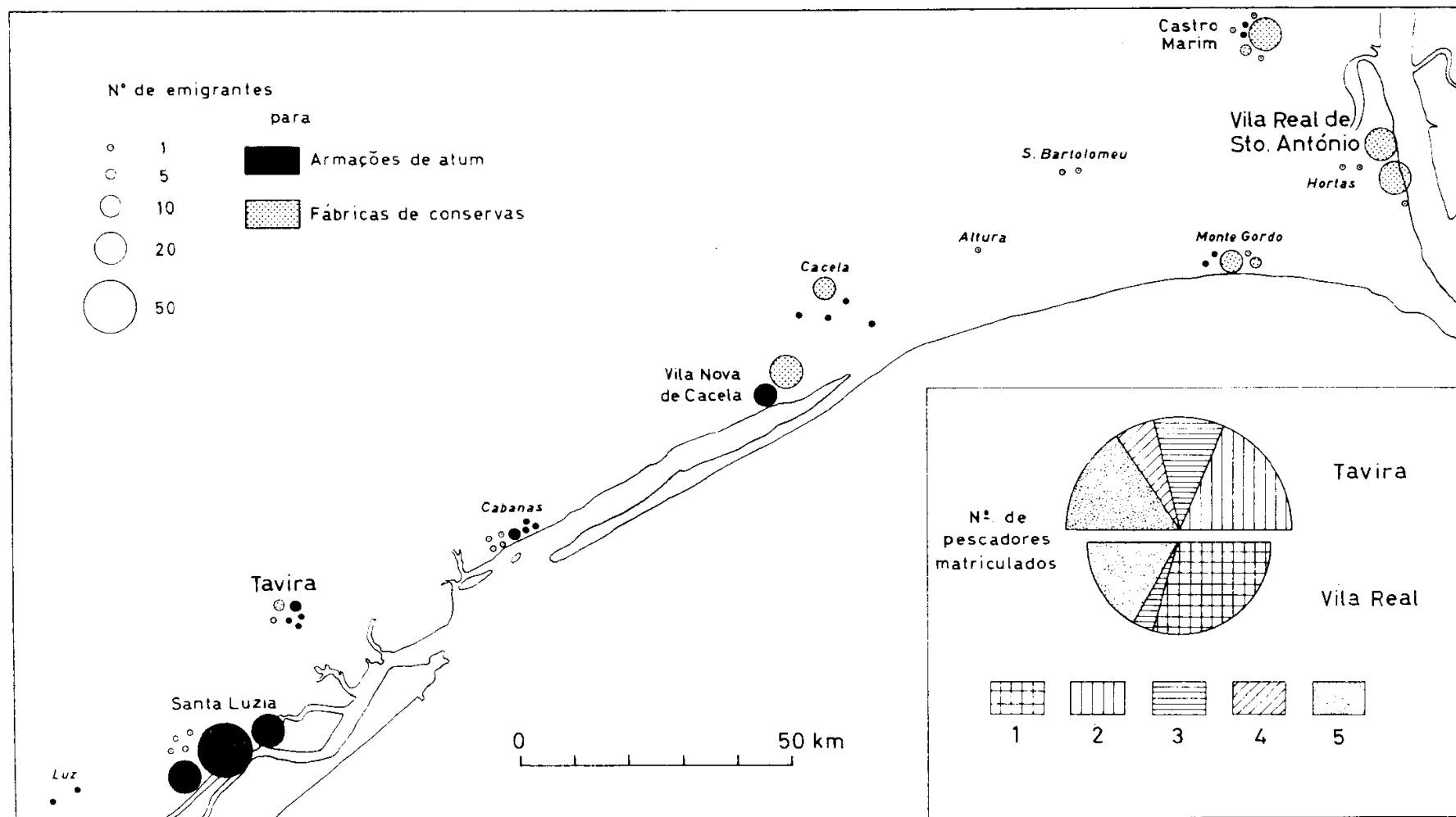


Fig. 1 — Recrutamento regional de trabalhadores sazonais pelas empresas de Port-Lyautey, em 1952. Pescadores: 1 de traineira; 2 de armação; 3 de xávega; 4 de sacada; 5 de outras artes, em 1952.



«A política de emigração portuguesa foi quase sempre **ambígua** e aparentemente **contraditória**. A persistente tradição repressiva da corrente emigratória foi acompanhada dum tolerância real de que a emigração clandestina é um índice»

(Miriam Halpern Pereira, 1981)

Políticas de emigração do Estado Novo

1933/1946

Reforço do dispositivo de controlo da emigração: passaporte especial para trabalhadores rurais e industriais e prova de literacia.

1947/1960

Sistema de quotas que definia o nº máximo de partidas por região e ocupação.

1961/1974

Acordos bilaterais com estados europeus para maior controlo e maximização do retorno económico.

(Maria Baganha, 2003)



Entre 1950 e 1969 o distrito de Faro contribuiu com a maior percentagem de emigrantes oficiais para a Argentina.

Entre 1955 e 1974 as saídas oficiais ascenderam os 16.955 para França.

No quinquénio de 1965-1969 atingiu-se o maior número de emigrantes legais no distrito de Faro.

(Jorge Arroiteia, 1983)

Table 3.1: Emigration from the Algarve by Destination, 1880–1959 (Percentages)*

Period	Africa	Americas	Europe	Others	(Number)
1880–99	10.5	32.7	56.8	0.0	(2,697)

Period	Africa	Portuguese Africa	Argentina	Brazil	Europe	U.S.A.	Others	(Number)
1891–99	0.1	35.6	9.1	42.9	5.0	7.1	0.1	(1,509)
1900–09	0.1	22.5 a)	23.9	43.3	3.0	7.0	0.0	(2,422)
1910–19	3.8	—	52.1	17.8	9.0	17.0	0.2	(6,326)
1920–29	6.0	—	59.0	12.4	12.8	8.8	1.0	(11,636)
1930–35	26.0	—	36.3	6.0	25.8	3.3	2.5	(3,256)
1944–49	—	—	65.8	20.7	1.3	2.1	10.1 b)	(1,955)
1950–59	—	—	38.7	17.3	9.2	1.9	32.9 c)	(7,720)

* Before 1891 the only discrimination is by continents. Before 1914, I have considered “other South American countries” as Argentina and “North America” as the United States. Since there is no published information for 1922, I have used the data from the passport requests for that year.

a) Only until 1907.

b) During this period this category includes Africa and Europe.

c) The majority (19 percent of the total number) migrated to Venezuela. This category also includes migration to European countries, except France.

Sources: *Anuario Estatístico* (Lisbon, 1884–1886, 1892, 1900, 1921, 1923–1924, 1925–1950); *Movimento da População* (Lisbon, 1887, 1889–1896, 1909–1921); *Emigração Portuguesa* (Lisbon, 1901–1912); F. G. Cassola Ribeiro, *Emigração portuguesa: Algumas características dominantes dos movimentos no período de 1950 a 1984* (Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas–Centro de Estudos, 1986); Livro de registo de passaportes, 1922, Fundo Governo Civil, ADF.

Sistemas migratórios algarvios



(Marcelo Borges, 2009, pp. 75-99)

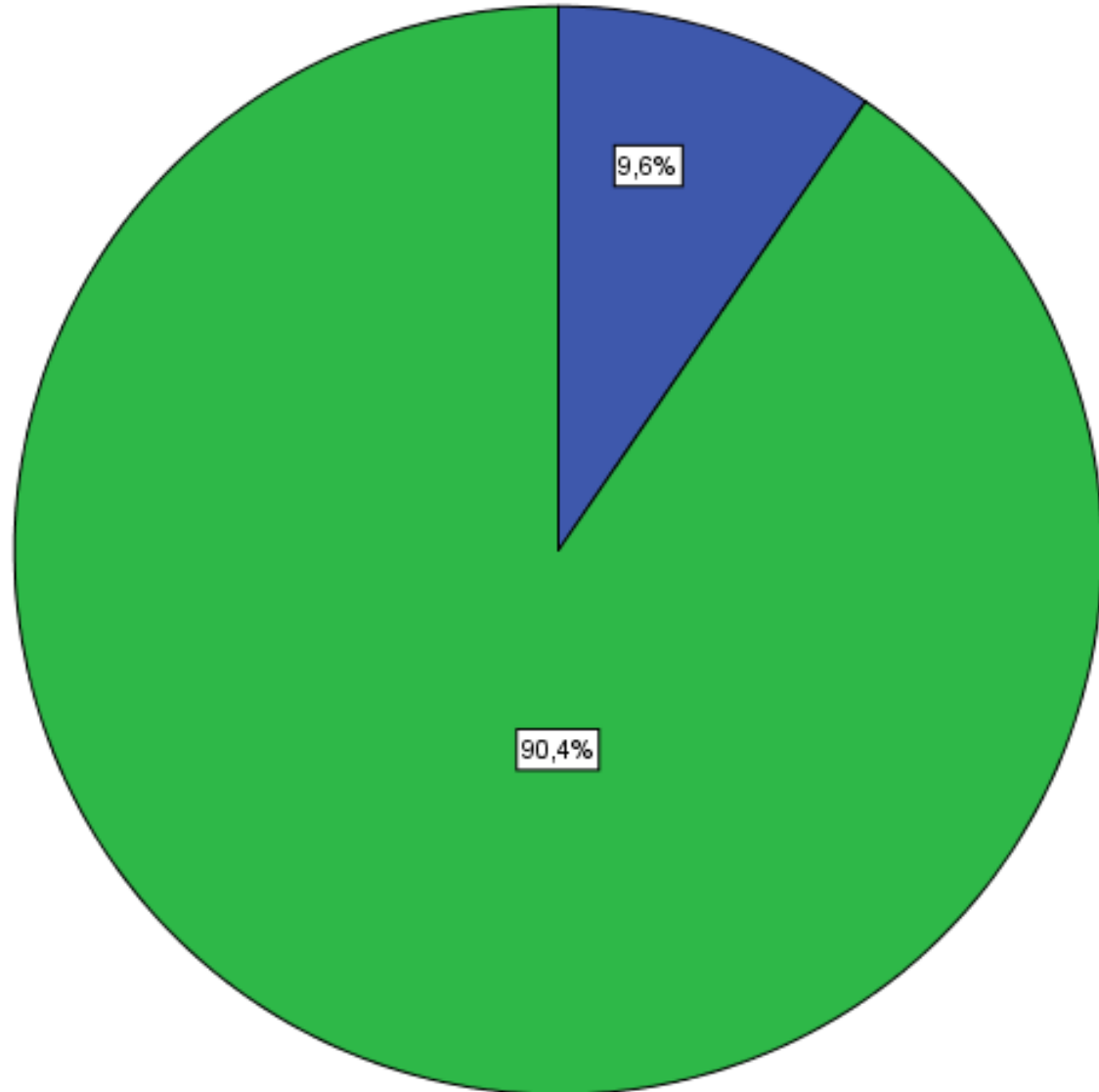
1. A emigração clandestina nas narrativas dos acusados

As fontes judiciais

- Os acusados nos processos crime relativos à emigração clandestina produzidos nos tribunais de Faro, Olhão e Tavira (1933-1974) constituem apenas uma amostra das pessoas envolvidas neste movimento;
- Os 178 acusados de emigração clandestina que integram o *corpus documental deste estudo* não perfazem o universo dos acusados dada a destruição de processos desta natureza nos arquivos judiciais da região.

**Quem eram os emigrantes
clandestinos?**

Sexo dos acusados

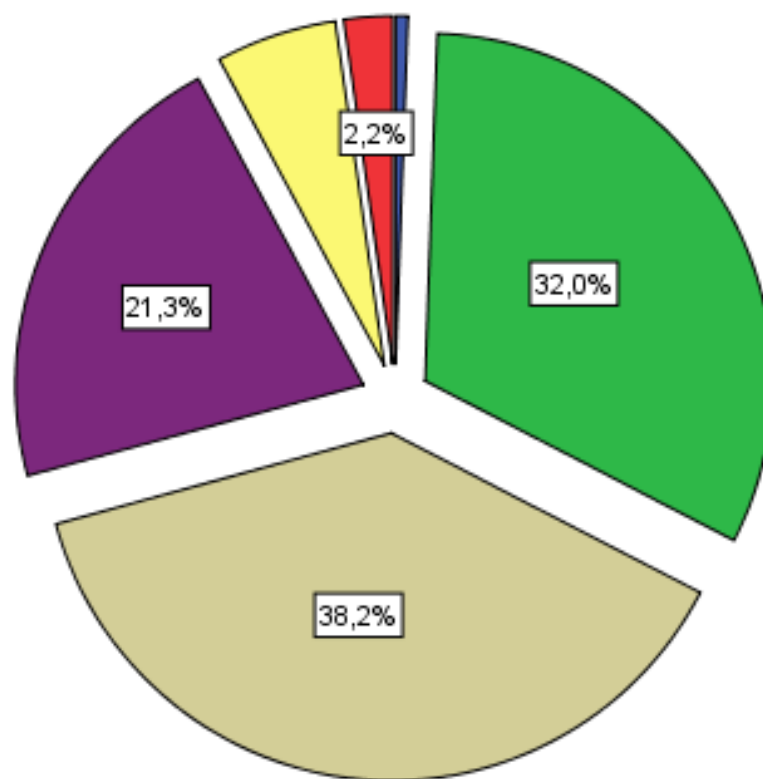


f
m

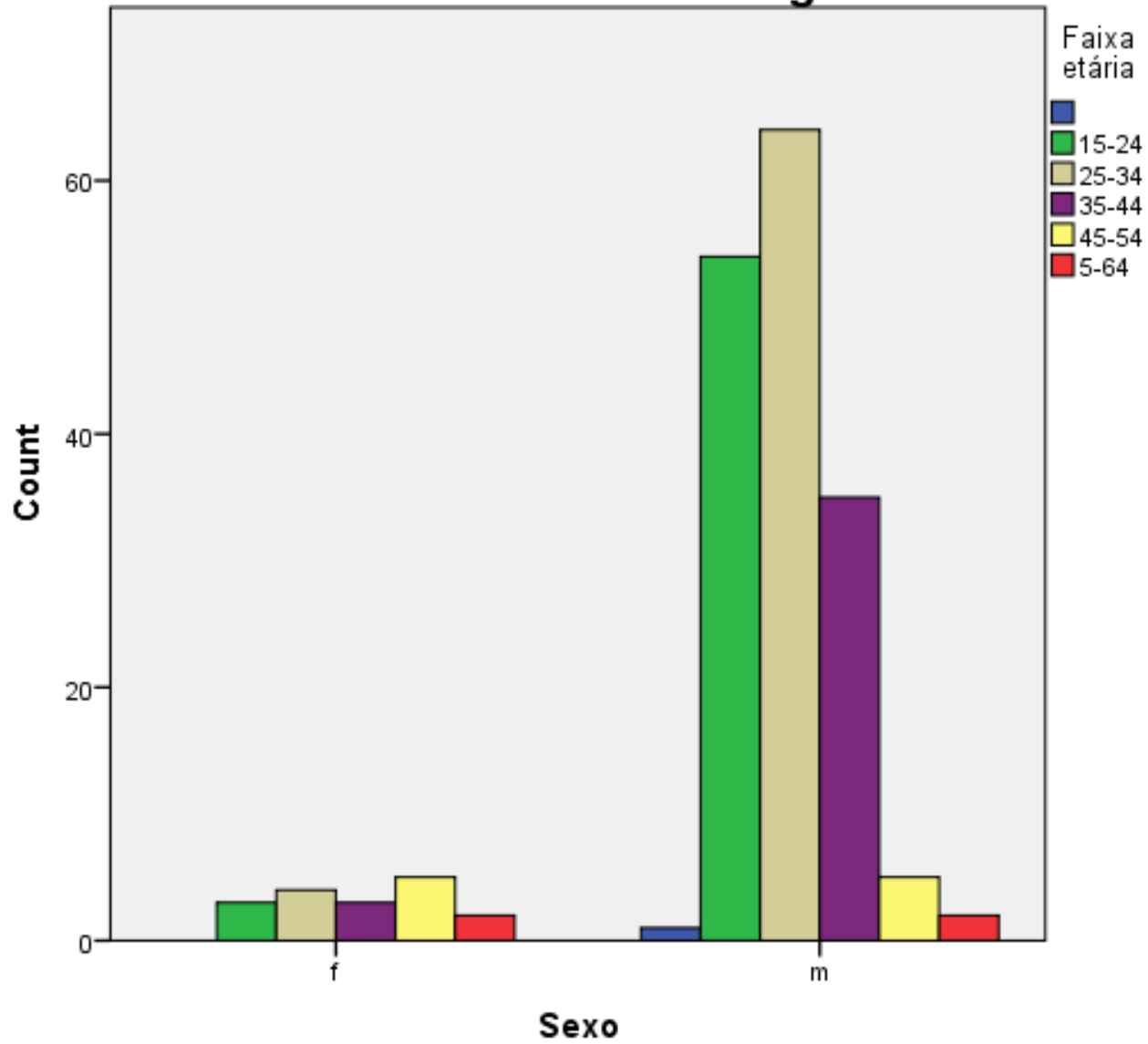
9,6%

90,4%

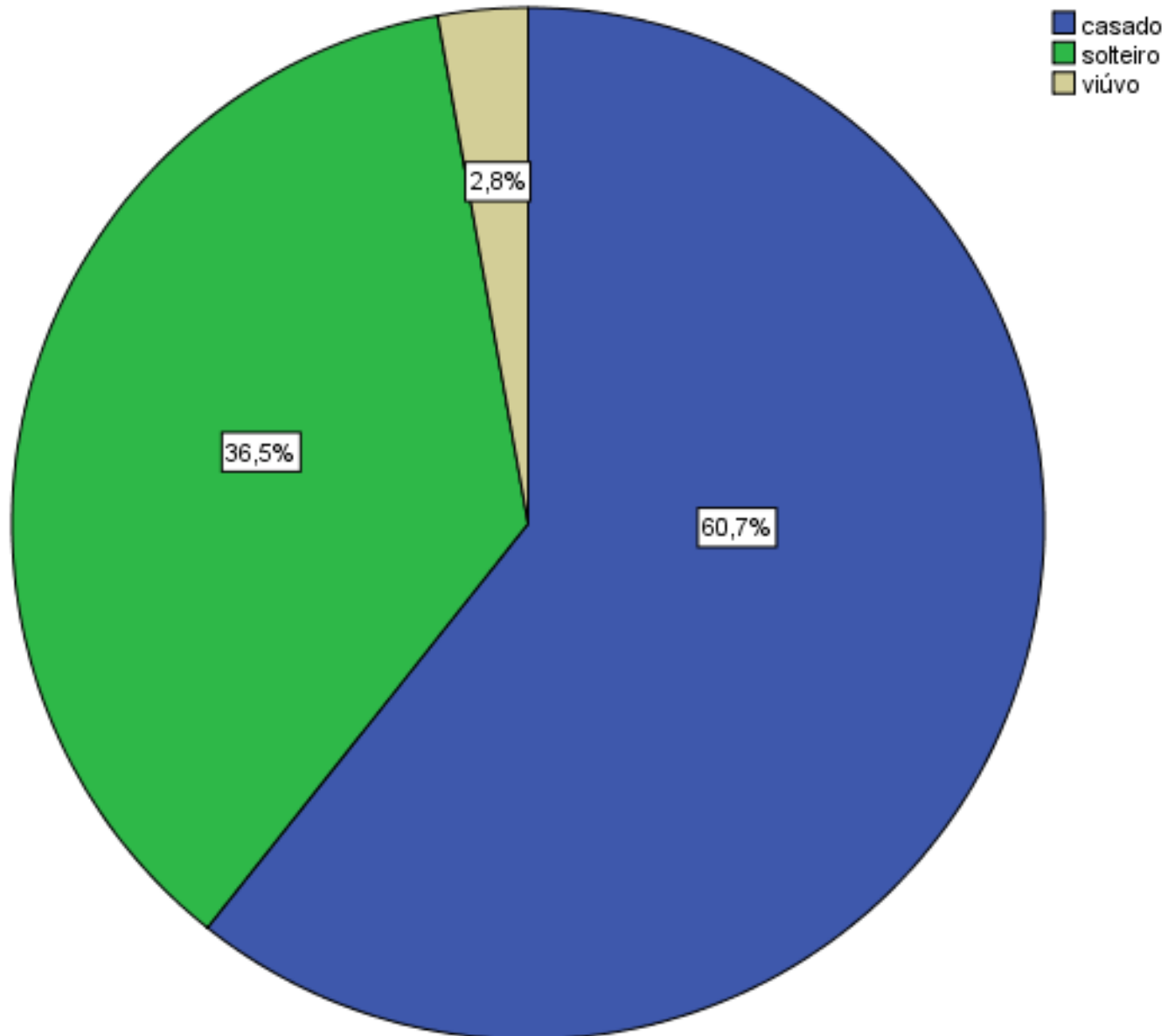
Idade dos acusados



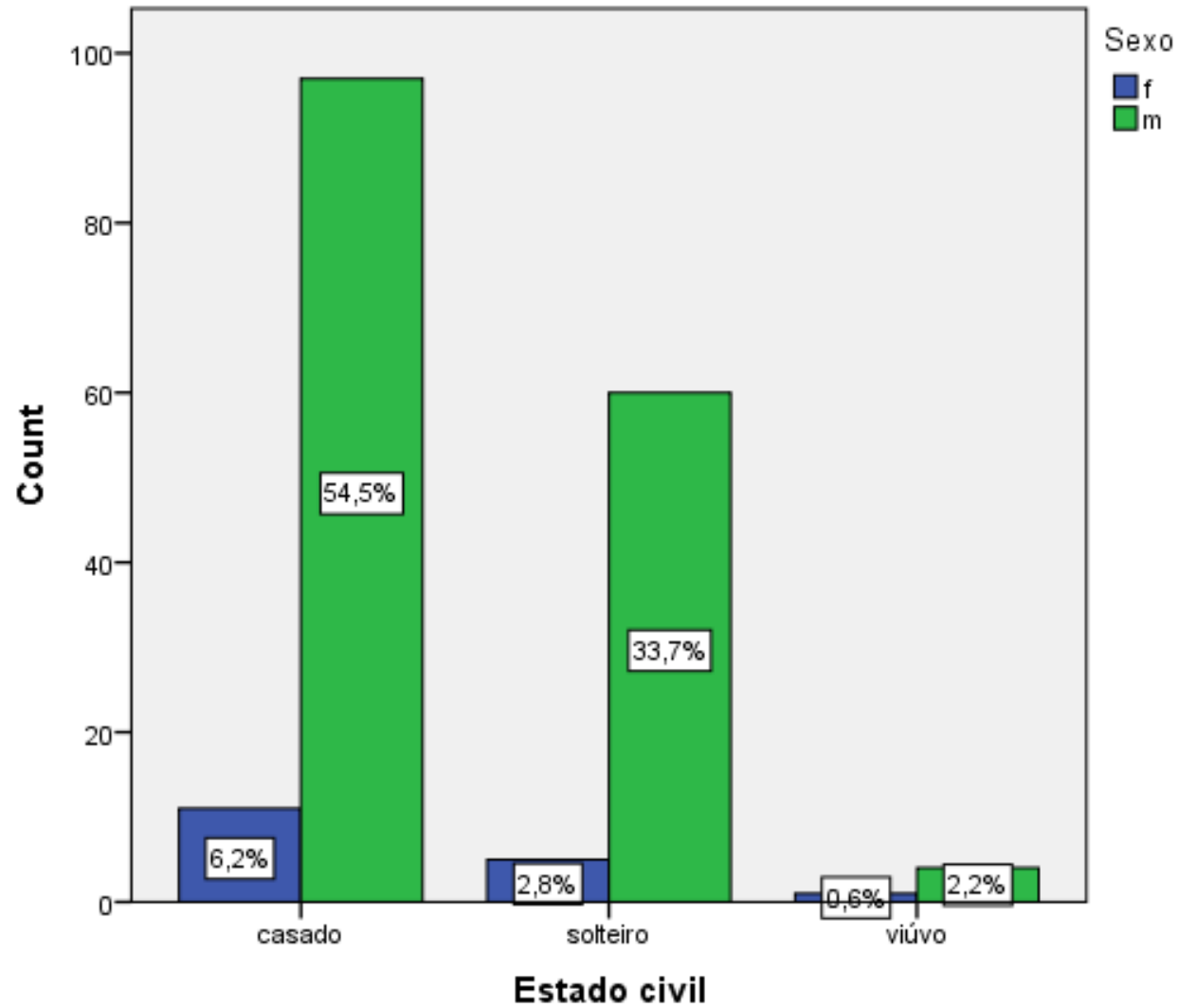
Idade dos acusados segundo o sexo



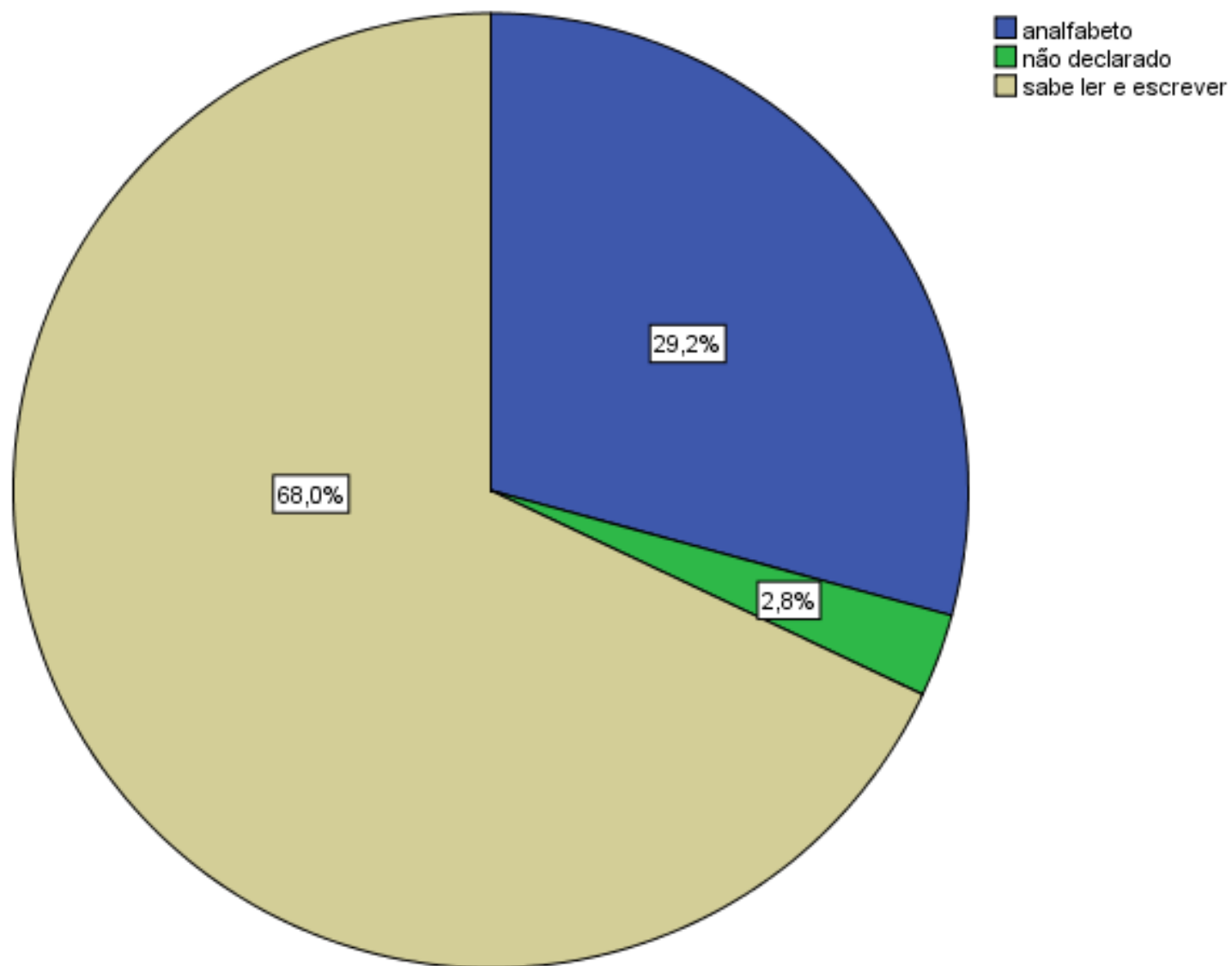
Estado civil dos acusados



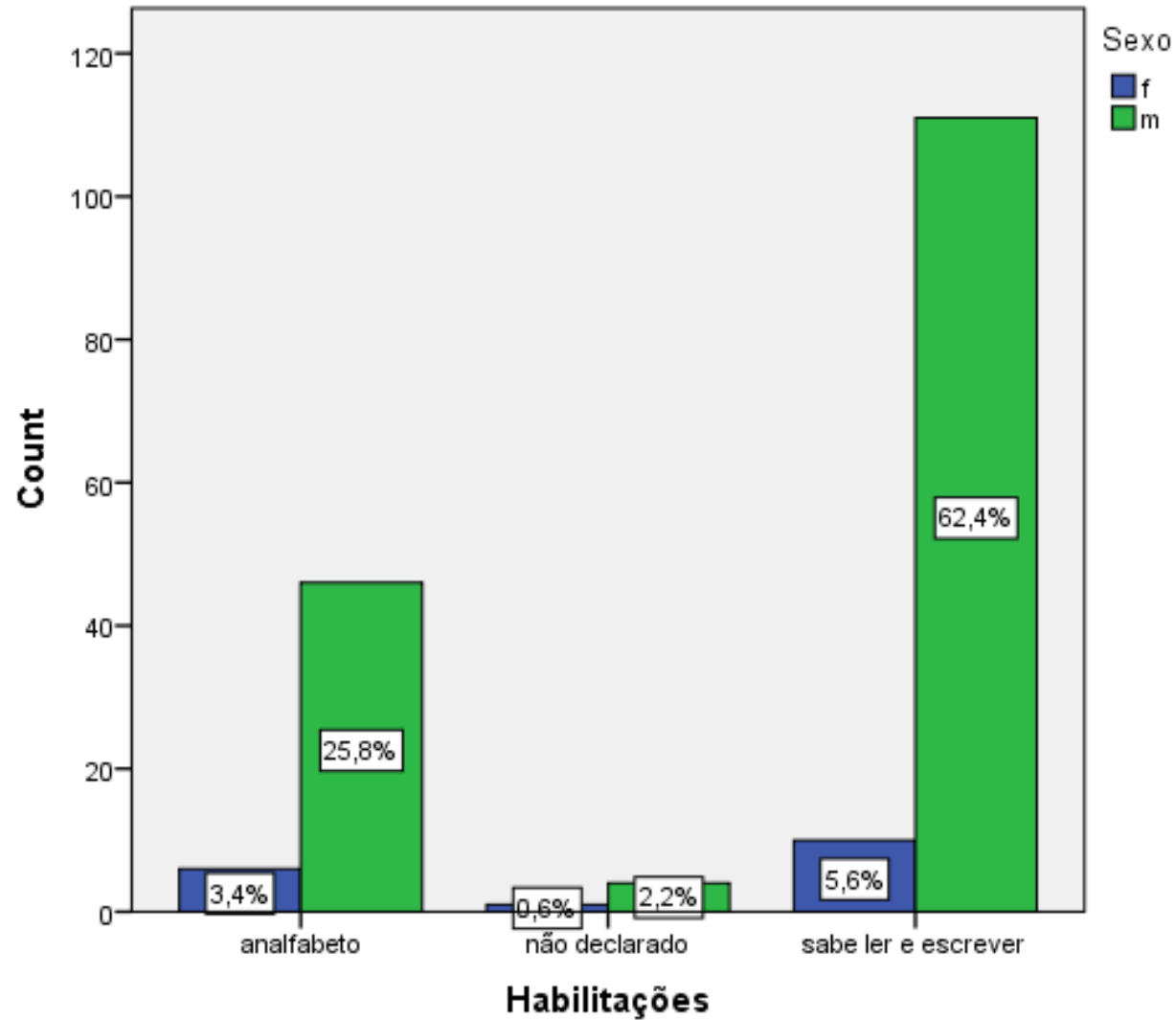
Estado civil dos acusados por sexo



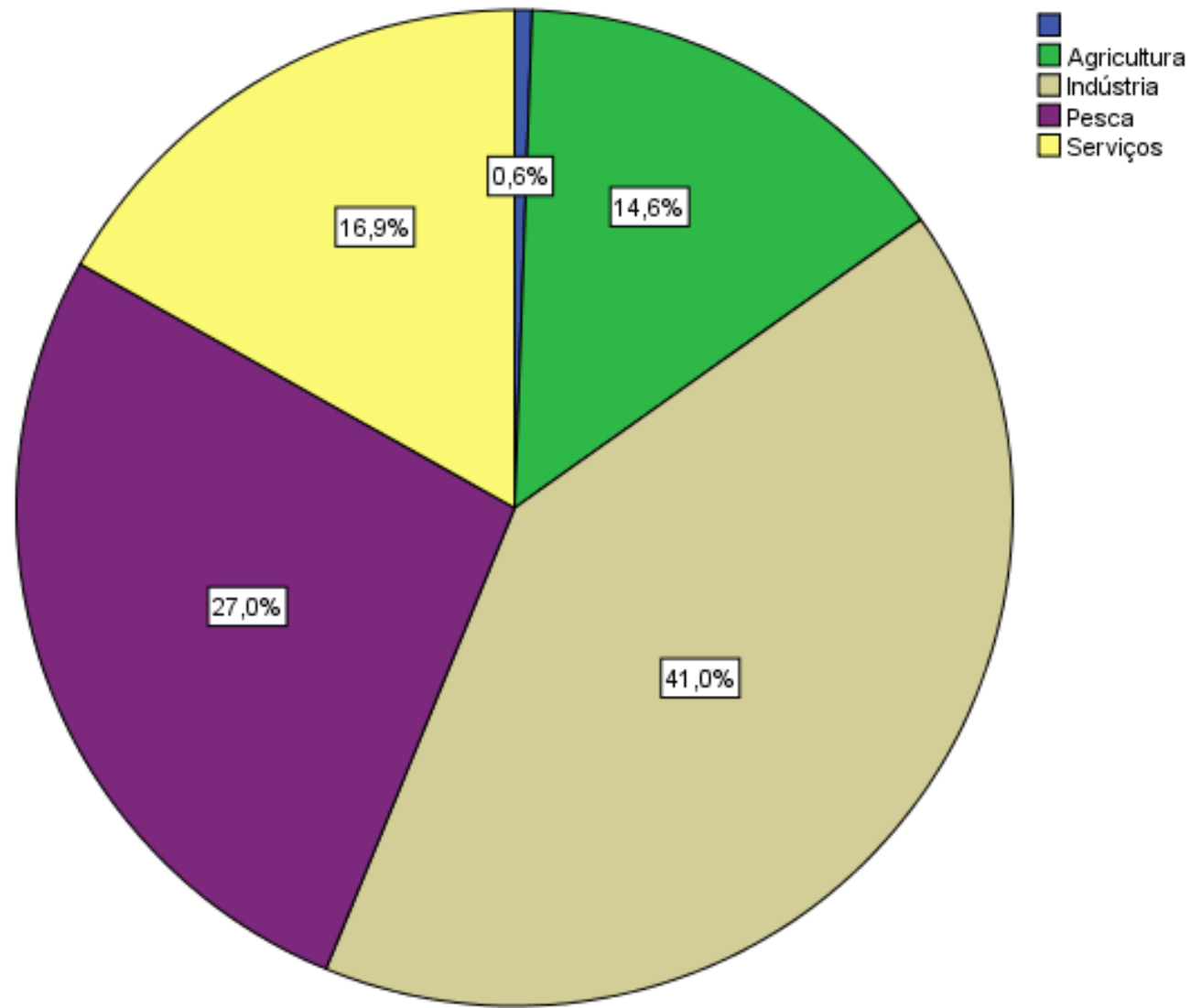
Habilitações dos acusados



Habilitações literárias dos acusados por sexo



Actividade económica no local de origem

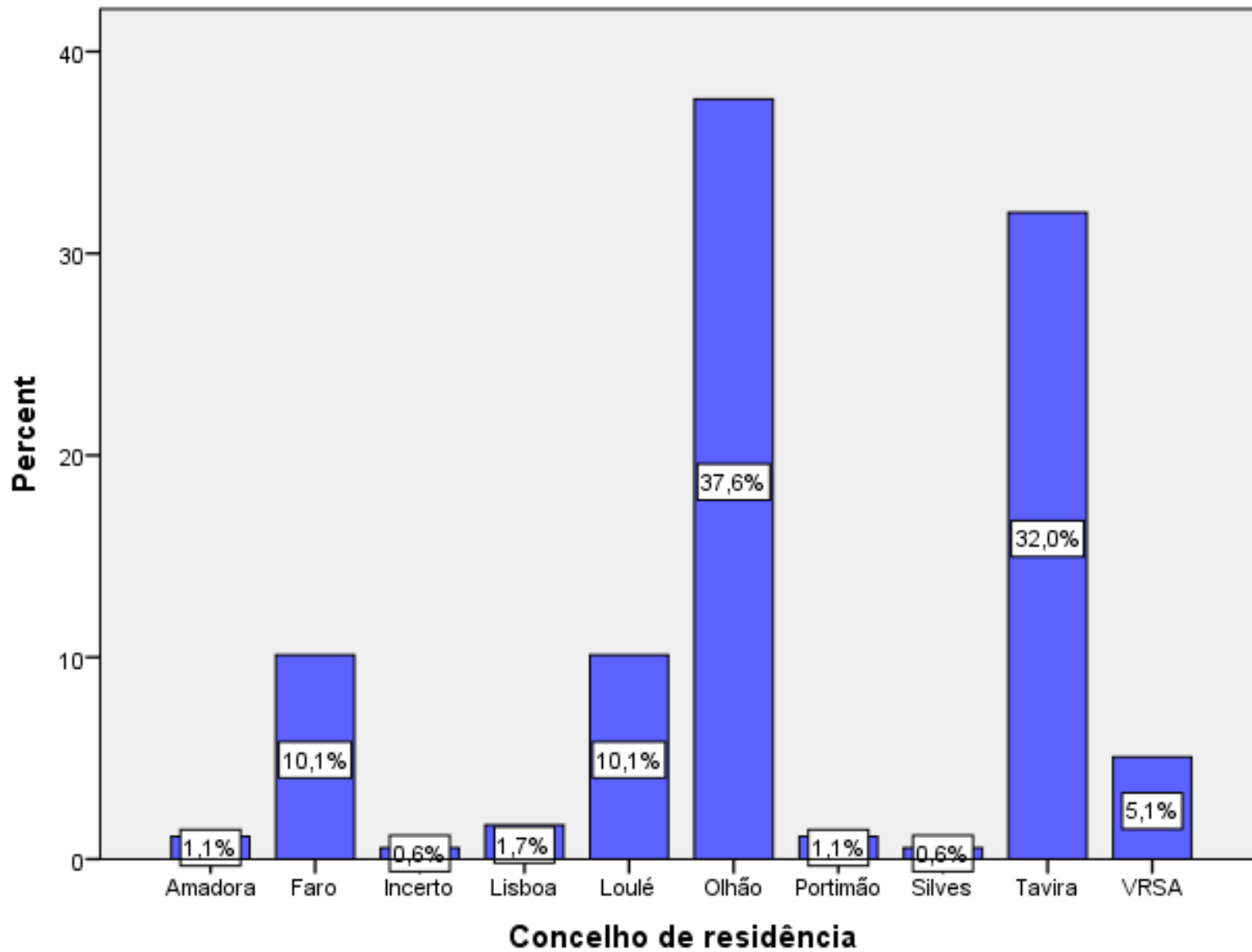


Profissão

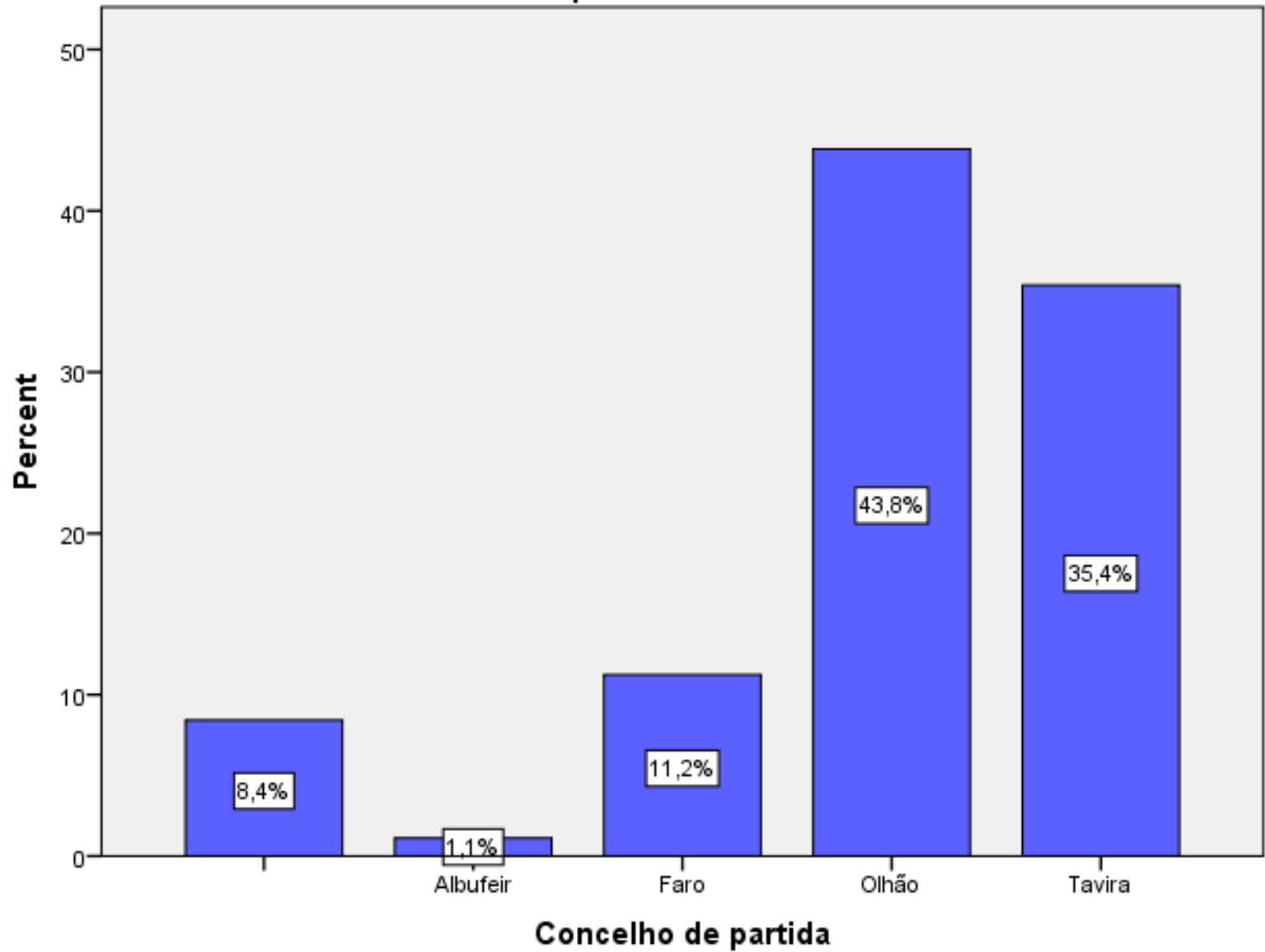
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	abegão	2	1,1	1,1	1,1
	agente comercial	2	1,1	1,1	2,2
	agricultor	3	1,7	1,7	3,9
	aj operador cinema	1	,6	,6	4,5
	aj. motorista	1	,6	,6	5,1
	alfaiate	1	,6	,6	5,6
	armador	1	,6	,6	6,2
	barbeiro	5	2,8	2,8	9,0
	batechapas	1	,6	,6	9,6
	carpinteiro	20	11,2	11,2	20,8
	choufer mecanico	1	,6	,6	21,3
	comerciante	2	1,1	1,1	22,5
	corticeiro	2	1,1	1,1	23,6
	doméstico	16	9,0	9,0	32,6
	empregado café	1	,6	,6	33,1
	ferreiro	2	1,1	1,1	34,3
	fundidor	1	,6	,6	34,8
	jornaleiro	1	,6	,6	35,4
	marceneiro	1	,6	,6	36,0
	marítimo	46	25,8	25,8	61,8
	marmoritador	1	,6	,6	62,4
	mecânico	1	,6	,6	62,9
	motorista	1	,6	,6	63,5
	operário	2	1,1	1,1	64,6
	pedreiro	27	15,2	15,2	79,8
	pintor	1	,6	,6	80,3
	sapateiro	3	1,7	1,7	82,0
	sem profissão	1	,6	,6	82,6
	serralheiro	11	6,2	6,2	88,8
	trabalhador	20	11,2	11,2	100,0
	Total	178	100,0	100,0	

**Qual a origem dos
emigrantes clandestinos?**

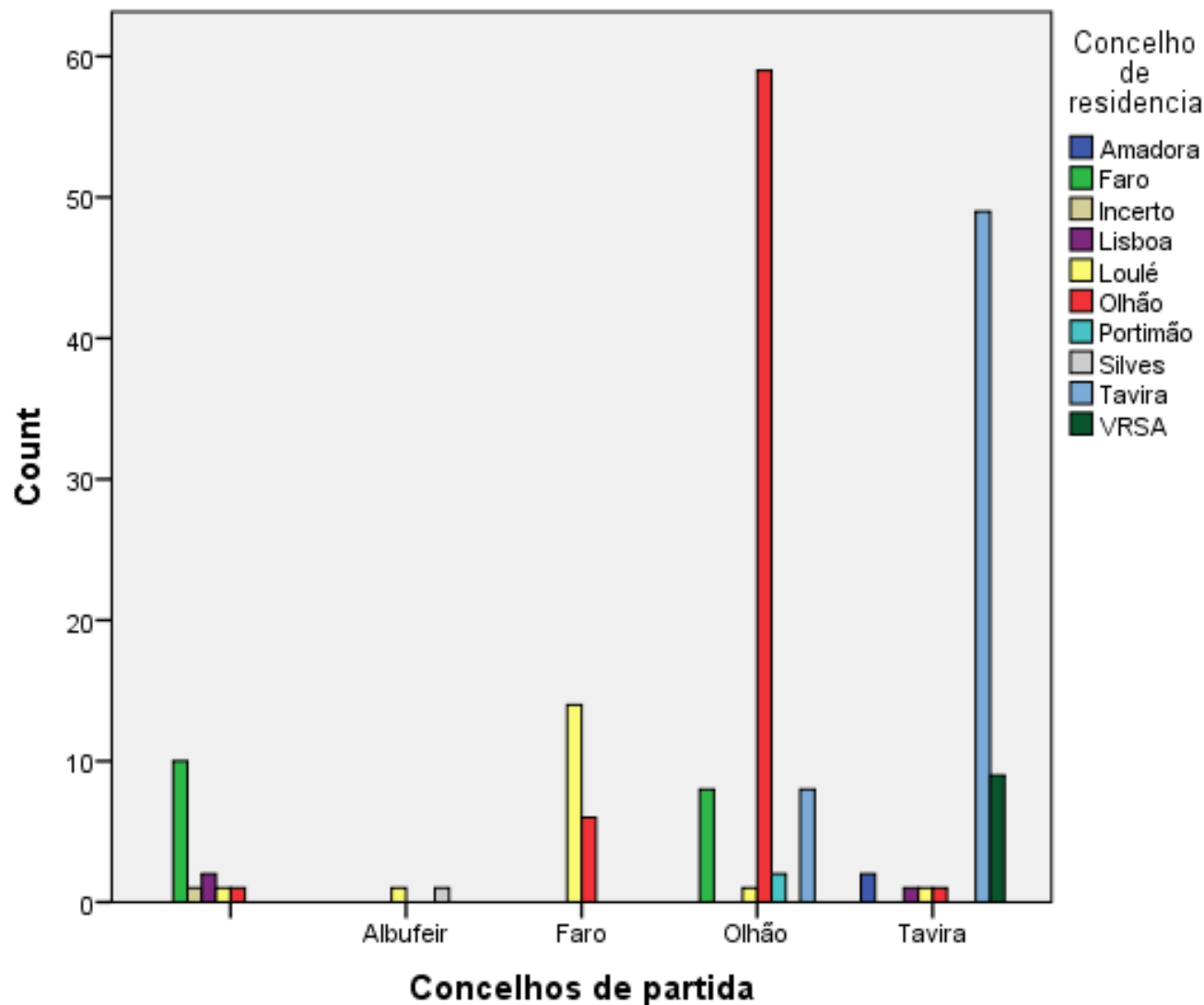
Concelhos de residência dos acusados



Concelhos de partida dos acusados

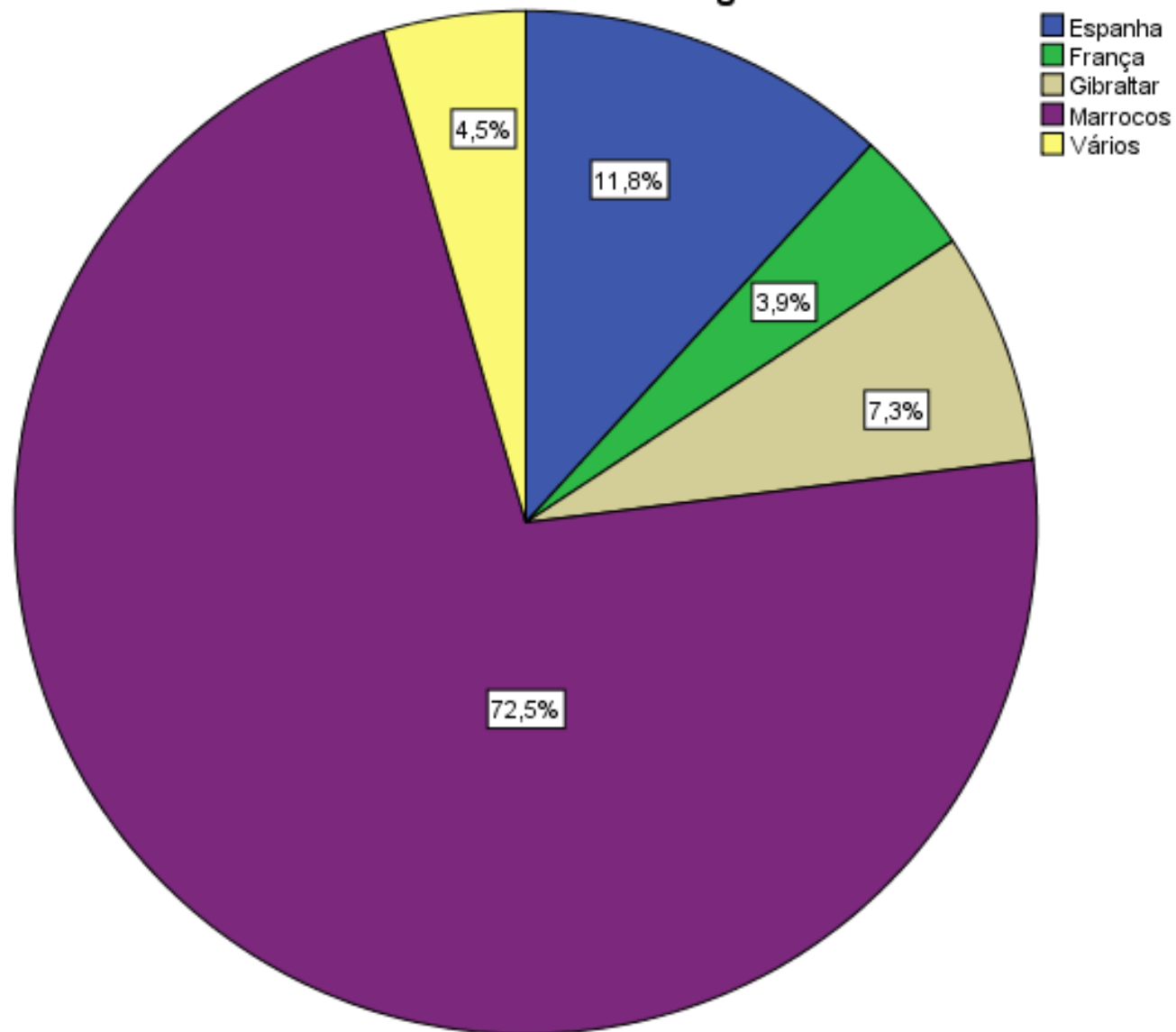


Concelhos de partida por concelhos de residência

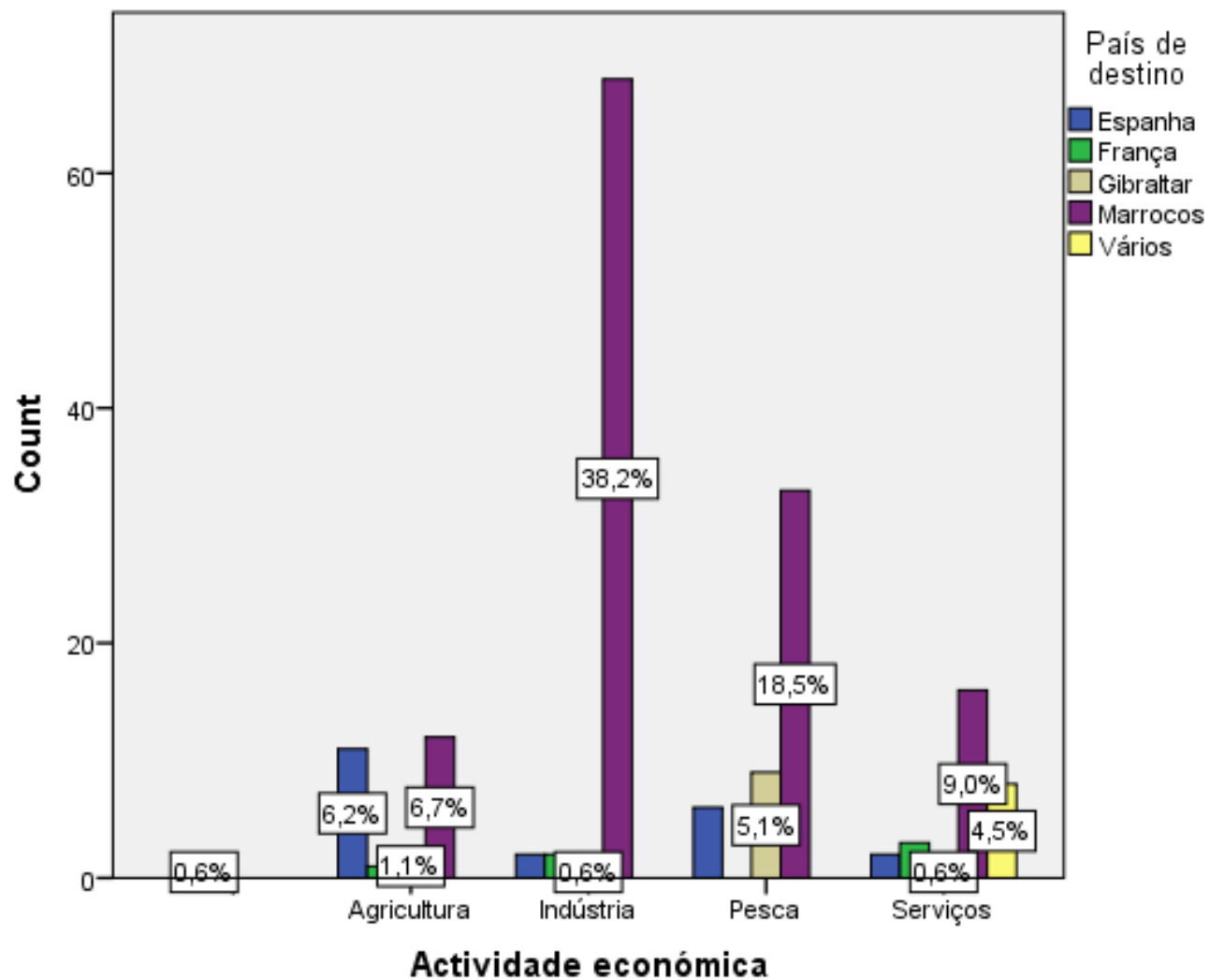


Quais os destinos que pretendiam alcançar?

País de destino dos emigrantes clandestinos

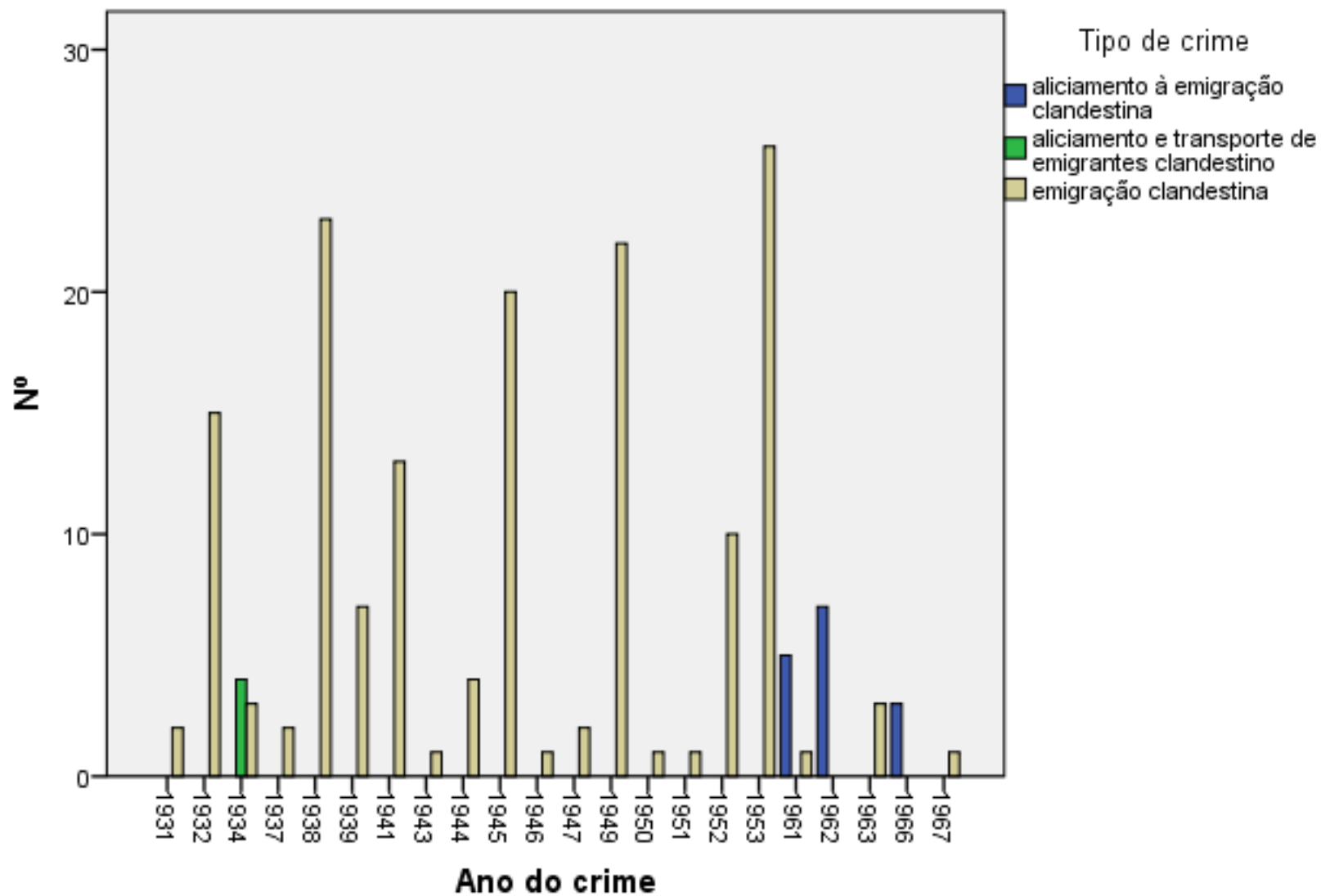


Destinos segundo a actividade económica no local de origem

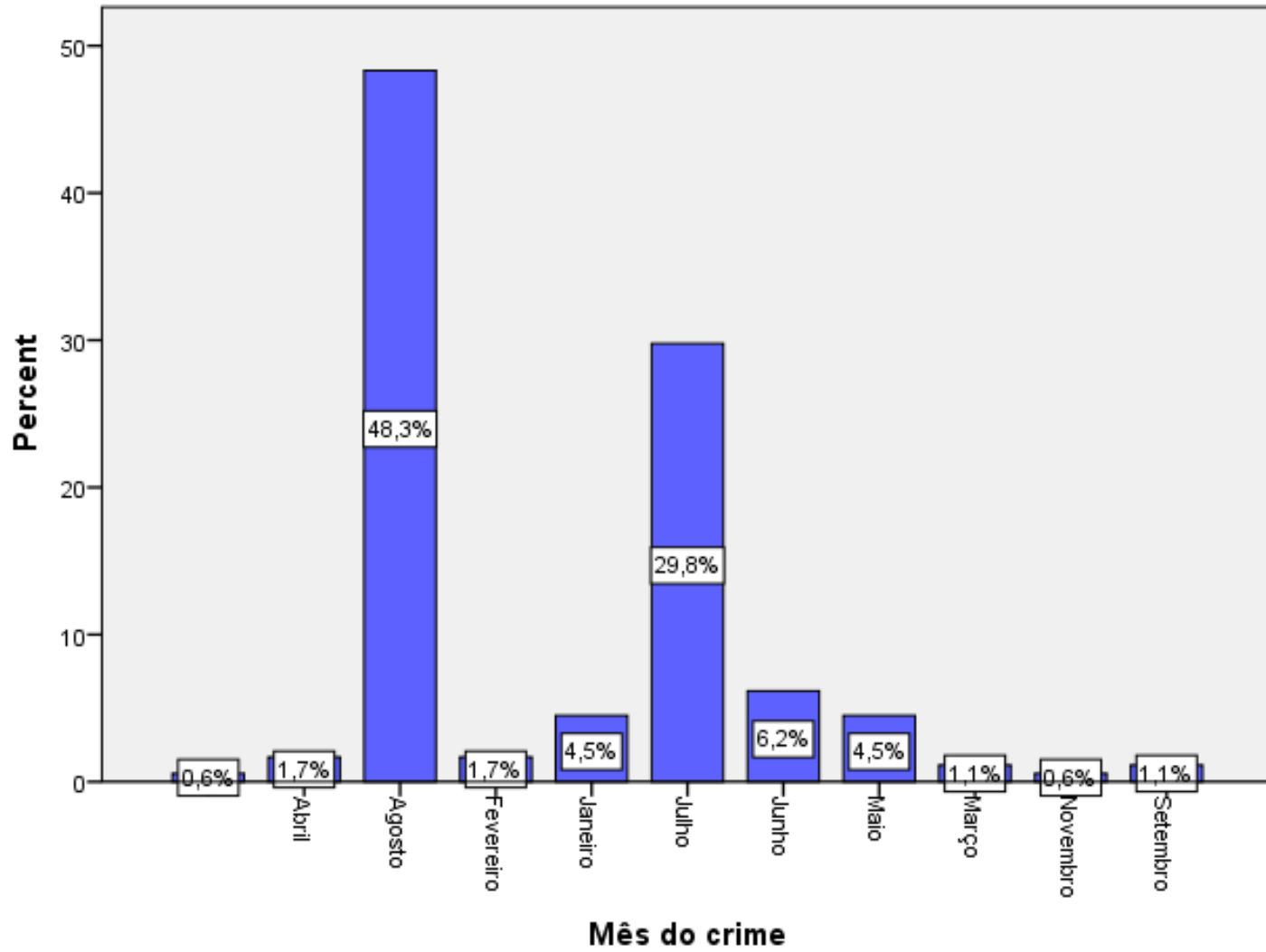


Cronologia e sazonalidade

Tipo de crime por ano em que ocorreu

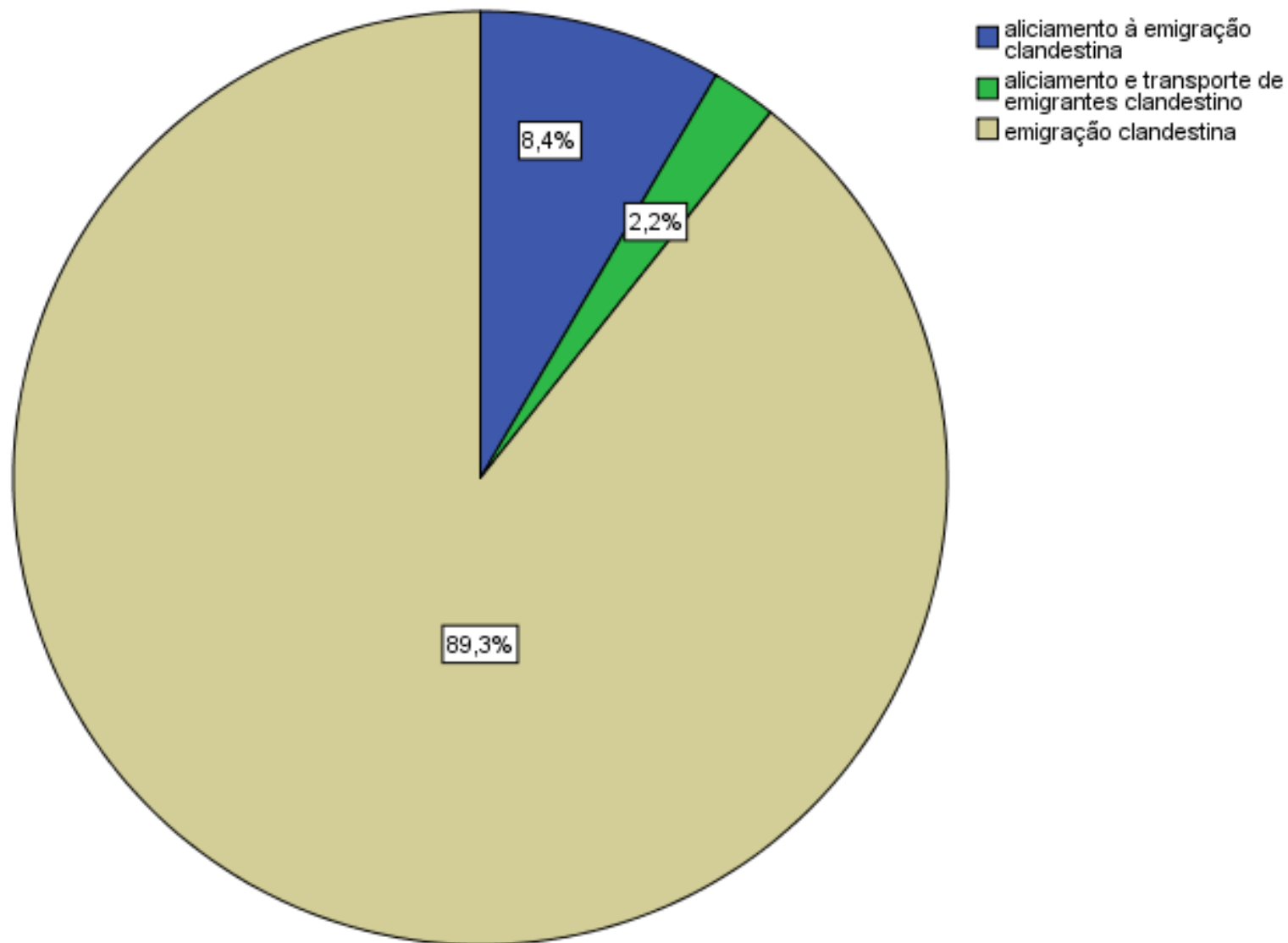


Mês do crime

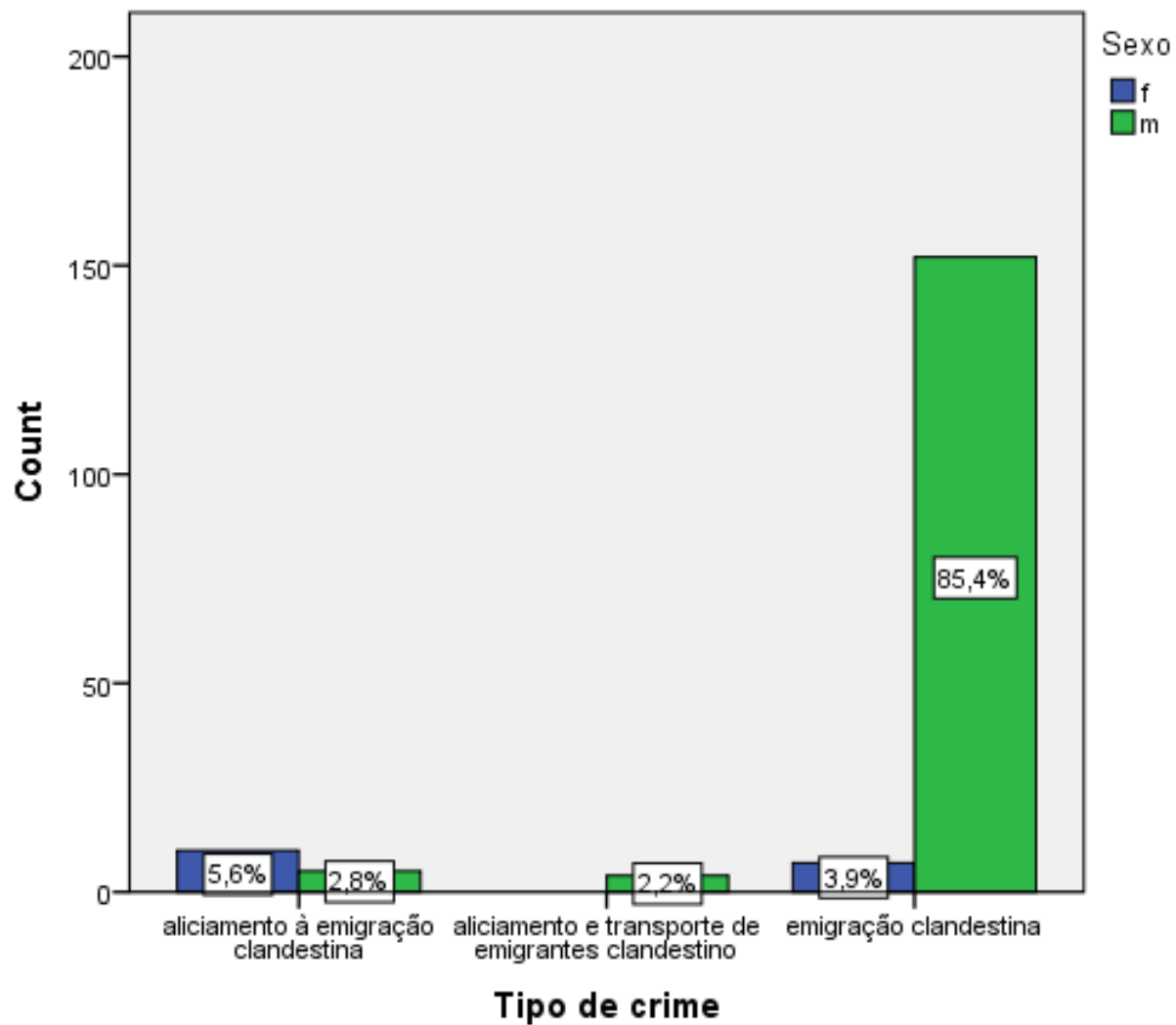


Acusações e papéis de género

Tipo de crime de que foram arguidos



Arguidos por tipo de crime e sexo



Motivações para a emigração clandestina:

«em Marrocos era o Brasil»

Motivações para a emigração clandestina

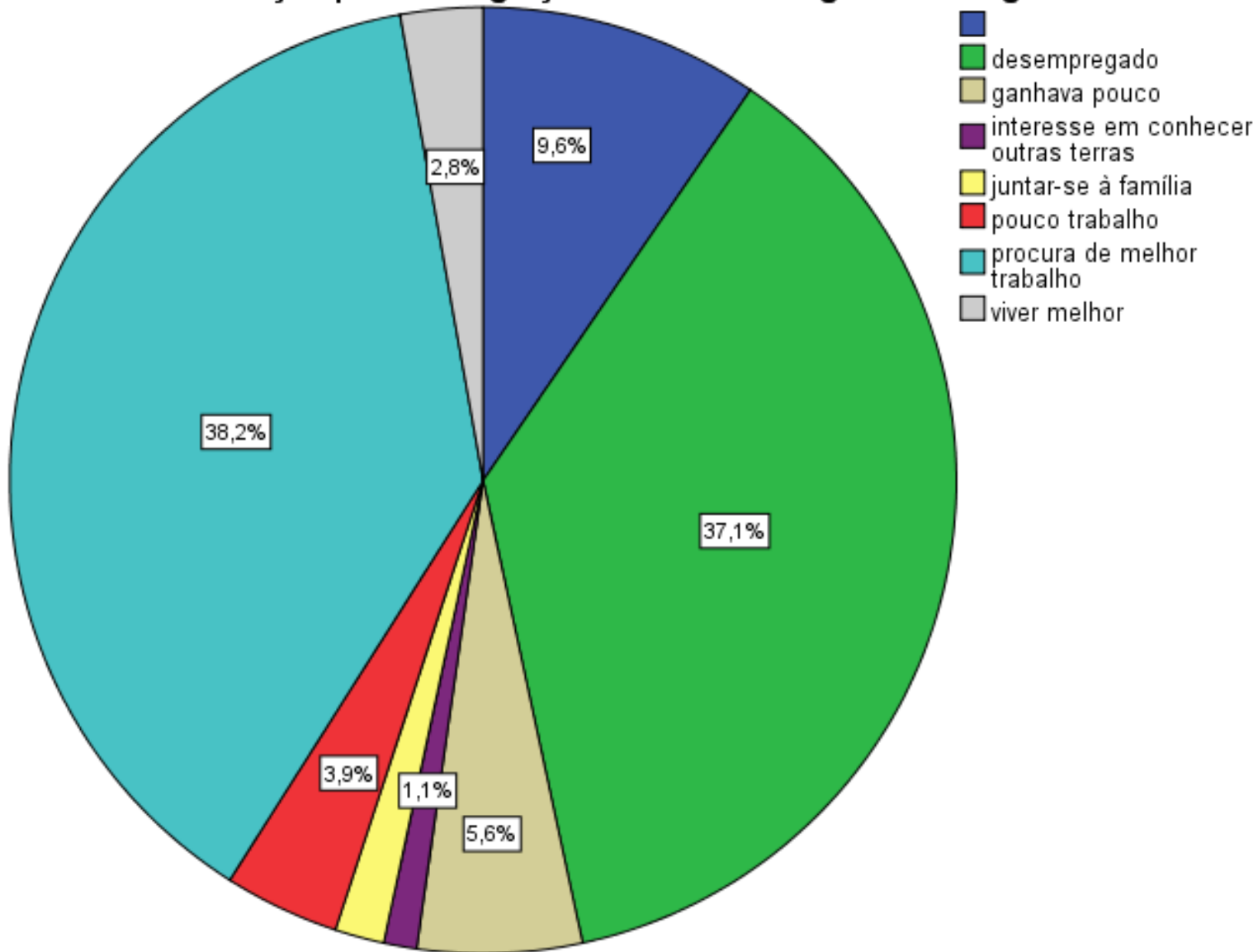
● Homens

- «Não tendo trabalho...»
- «Por se encontrar em precárias circunstâncias...»
- «Crise grande...»
- «Ganhar para alimentar filhos e mulher...»
- «Haver pouco produto...»
- «também se entusiasmou»
- «fazer dinheiro»
- «em virtude de não ter documentos legais.»
- «Teve o passaporte indeferido»

● Mulheres

- «Grandes privações...»
- «Ardente desejo de se juntar ao marido...»;
- «como se visse abandonada pelo seu marido...»
- «a fim de se juntar a irmão...»

Motivação para a emigração clandestina segundo os arguidos



Motivos do retorno segundo os arguidos

- Ser capturado pelas autoridades portuguesas;
- Não encontrar ou deixar de ter o que deseja;
- Rever a família;
- Intempéries na viagem de ida;
- Cumprir o serviço militar;
- Ter adoecido;
- Ser repatriado pelas autoridades do país de destino.

Organização da viagem

- Redes de «aliciamento e transporte»
 - Pagamento do serviço no local de origem
- Cooperativas
 - Pagamento do investimento no barco na origem
 - (valor partilhado mas... a cada um segundo as suas possibilidades)

Meios de transporte

Ida

- Bote
- Canoa
- Caíque
- Lancha
- Veleiro
- Barco a motor

Retorno ou repatriamento

- Veleiro
- Vapor
- Comboio
- Avião
- Autocarro
- Bote

2. Memórias no presente: a mesma viagem, dois percursos distintos

Fomos todos para Marrocos

José (n. 1922)

- «Isto foi em 1950, abalámos daqui no dia 18.06.1950, chegámos lá num domingo, estavam no cais muitos portugueses.»
- «Comprámos um barco em Cabanas. Não pagámos mais nada além da parte que cabia pela compra do barco.»
- «Foram 24 pessoas dentro do barco: os meus pais, (...), a F., o marido e o pai dela, a mulher de um camarada que era sapateiro, os outros já não me lembro quem eram.»

Saímos com rumo ao sul e chegámos a Rabat (José n. 1922)

- «Saímos de madrugada depois de nascer o sol. A bússola que tinham ficado de comprar não apareceu, então eu disse ao Idalécio: «Dá-me o relógio, porque com o relógio não vamos com certeza [do rumo] mas vamos mais ou menos: ao meio dia solar o sol está a sul e lá fomos navegando.»
- «O barco não era muito pequeno, era a maior lancha que havia aqui, chamava-se «A Máscara» tinha à roda de 8 metros. Era um barco de pesca de sacada ou polvo.»
- «Houve outros dois barcos, que fizeram a mesma viagem, que tiveram que se proteger [da intempérie] na armação de Quenitra.»

Este homem é um herói!

José (n. 1922)

- «Quando atracámos veio logo a polícia. Um dos passageiros saltou para terra e disse: “Este homem (José) é um herói!”.»
- «A polícia levou-nos para a esquadra e disse que quem tivesse pessoas conhecidas podia ir dormir em casa dessas pessoas. Eu fiquei na polícia e depois deram-me os documentos mas não arranjei trabalho.»
- «Estive lá uns 2 meses ou coisa assim e voltei. O meu pai e a minha mãe ficaram lá porque o meu pai arranjou trabalho».

Voltei de Marrocos...

José (n. 1922)

- «Voltei de Marrocos de camioneta de Safim a Tânger.»
- «Em Tânger passei no barco para Espanha.»
- «Depois em Espanha saltei em Isla Cristina, não em Ayamonte. Aí arranjei um bote de um velhote português que fazia aquilo muitas vezes, quando fazia falta.»
- «Depois foi ele que me saltou cá neste lado, na Cabeça Alta. (...) Veio um camarada de Portimão comigo, José F., atravessámos a estrada e fomos apanhar o comboio, não em Monte Gordo, mas em Castro Marim.»

Fui com o meu pai e o meu ex-marido

(Francelina, n. 1930)

«Emigrei a primeira vez [2^a] em 1949 [1950], em Junho ou Julho para Rabat. Fui com o meu pai e o meu ex-marido, deixei a N. [filha]. Éramos umas 35 [25] pessoas num barco que comprámos e pagámos entre todos para fazer a viagem até Rabat.

O meu pai já lá tinha estado a trabalhar antes. A tia C. e o marido iam à armação de Quenitra, iam lá 2, 3 meses por ano para porem o peixe nas latas. Era o Zé M. que levava os homens e mulheres contratados para Quenitra. Numa dessas viagens a tia C. levou a N. [filha] para Marrocos».

O Barco esteve quase a afundar-se...

(Francelina, n. 1930)

- «O ti A. Coelho levou-nos no bote até à costa para tomarmos o barco que estava no Oceano.»
- «O barco era de 7 [a 8] metros, foi comprado por todos os que viajaram já com essa finalidade.»
- «Abalámos numa 6ª feira já tarde, viajámos todo o sábado e chegámos a Rabat no domingo, às 7 da tarde. (...) Estava muita gente no cais, incluindo as autoridades.»
- «Durante a viagem, houve um momento em que o José J. se deixou dormir e o barco esteve quase a afundar-se. Eu fiquei doente, vomitava.»
- «Só levávamos uma roupinha. Nem tão pouco uma escova para lavar os dentes levávamos.»

A Minha prima arranjou-me trabalho...

(Francelina, n. 1930)

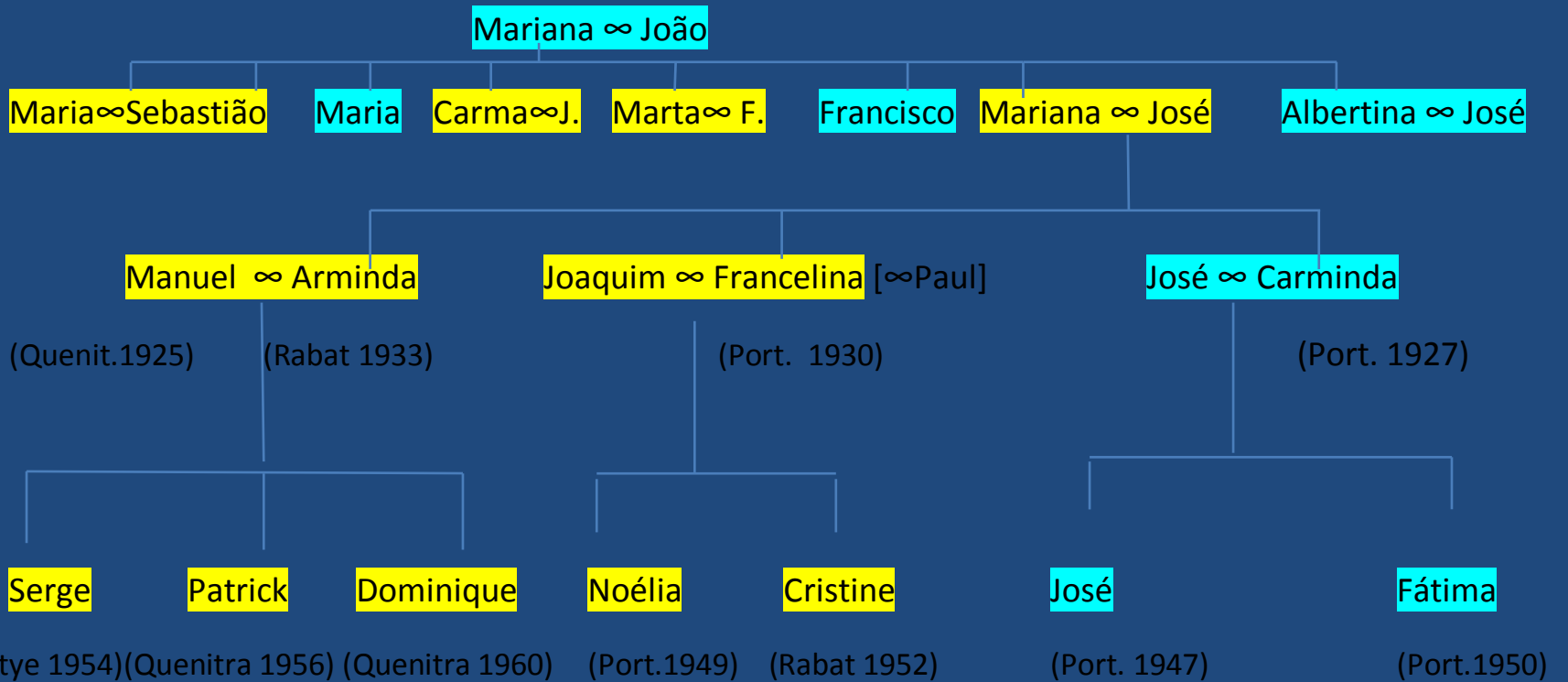
- «À chegada as autoridades vieram ao barco e levaram-nos para a esquadra. Os familiares e amigos que estavam lá levaram comida para todos (...)»
- «O meu pai era pedreiro, a minha prima e o primo Soares arranjou-lhe trabalho. O patrão era francês e foi ele que nos arranjou uma casa (...).
- O meu ex era pescador mas o meu pai ensinou-lhe a trabalhar e por isso nunca mais foi à pesca. Tivemos que aprender francês, a minha prima arranjou-me trabalho numa senhora francesa, a fazer artigos de decoração para a casa: era a madame C.»

Ruptura e reconstituição familiar

(Francelina, n. 1930)

- «Depois, o J. começou a sair à noite e depois voltou para Portugal e eu fiquei em Rabat com as meninas. Trabalhava muito. Fiz muita coisa... As meninas [as filhas] eram guardadas por uma mourinha.»
- O Paul veio em cooperação para Rabat para os telefones e conhecemo-nos lá. A certa altura ele perguntou-me qual era a minha situação pessoal e pediu-me para ir viver com ele, ao que eu não acedi. Mas depois de ter sido aconselhada por uma senhora que me deu muito boas referências dele, aceitei aquele convite. O Paul foi um grande homem que ajudou a educar as minhas filhas.»
- «Só nos anos 70 e tal fomos viver para Reims...»

Família Mariana



Emigraram

Não emigraram

Considerações finais

Congruência e complementaridade das fontes

- Judiciais
- **Realismo descritivo** pontuado por «lapsos» de memória cuja função se compreende no contexto do interrogatório policial (PIDE).
- Orais no presente
- **Realismo otimista** que tende a valorizar os sucessos alcançados;
- Os insucessos tendem a ser minimizados.

Factores da emigração clandestina



Sistema migratório algarvio do «Mediterrâneo Atlântico»



Características do sistema

- Preponderam os homens jovens, casados, que sabem escrever, provenientes de diversos sectores de actividade económica: «indústria»; pesca; agricultura e serviços;
- Saem principalmente dos portos do sotavento do Algarve (Olhão, Tavira):
 - Olhão atraía emigrantes clandestinos de Olhão, Faro, Tavira, Loulé e Portimão;
 - Tavira atraía emigrantes clandestinos de Tavira, VRSA, Olhão, Loulé e Lisboa;

Características do sistema

- Os fluxos estabelecem-se entre o Algarve, Marrocos, a Andaluzia e Gibraltar;
- Multiplicidade de factores motivacionais: do nível micro ao nível macro;
- Promove relações de cooperação para financiar a viagem ou sustenta serviços de transporte disponibilizados por redes inseridas no meio piscatório (anos 30-50);

Características do sistema

- Promove a flexibilidade e a capacidade de adaptação a diversos contextos;
- Abre o campo de possibilidades e de escolhas individuais;
- Entra em declínio e reestrutura-se a partir de meados dos anos 50, desaguando no «sistema europeu» dirigido a França e Alemanha.

Sistema emigratório clandestino do «Mediterrâneo Atlântico»



Em síntese

O «brasileiro»

O
«marroquino»

O «francês»

Fontes

Fontes Escritas

- *Arquivo Distrital de Faro (ADF)*

Processos de Polícia Correccional da Comarca de Olhão.
Processos de Polícia Correccional da Comarca de Faro.

- *Arquivo Judicial da Comarca de Tavira (AJCT)*

Processos de Polícia Correccional da Comarca de Tavira.

Fontes Orais

- Arminda (n. 1932)
- Francelina (n. 1930)
- Odete (n. 1930)
- José «Patrício» (n. 1922)
- José V. (n. 1931)
- Manuel T. (n. 1925)